



NA BUSCA DE UM TETO TODO MEU, DESCOBRI O *LEIA MULHERES*: MEMORIAL DO ENCONTRO

DOI: 10.48075/ri.v25i1.29858

Caroline Sergel¹

RESUMO: O presente artigo se trata de um memorial: o encontro entre uma leitora à procura de um teto para si e o clube de leitura *Leia Mulheres*, que a acolheu, abrigou e tornou-se seu espaço de resistência e ressignificações. Espaço que também se tornou o tema de sua pesquisa de mestrado, cuja dissertação se encontra em andamento e na qual ela procura investigar e compreender quais são as reverberações do clube de leitura causadas nas pessoas que dele participam. Para tal, este artigo se utiliza de dados levantados por meio de questionários aplicados às participantes do *Leia Mulheres* e entrevistas concedidas por suas mediadoras. O trabalho, enquanto recorte da dissertação, busca apresentar os entrelaçamentos que constituem a pesquisa e como as vivências da leitora participante no clube de leitura gradativamente se tornam tema para a pesquisadora participante.

Palavras-chave: *Leia Mulheres*; autoria feminina; pesquisa participante.

IN THE SEARCH OF A ROOM OF MY OWN, I DISCOVERED *READ WOMEN*: MEMORIAL OF THE ENCOUNTER²

ABSTRACT: This paper presents a memorial: the encounter between a reader looking for a roof of her own and the Brazilian book club Read Women, which welcomed and sheltered her and became her space of resistance and resignification. Space that has also become the main topic of her master's research project, whose thesis is currently in progress and in which she seeks to investigate and understand what the reverberations of the book club caused in the people who participate in it are. Therefore, this paper utilizes data collected through questionnaires applied to the participants of Read Women and interviews given by its mediators. The study, as part of said master's thesis, seeks to display the entanglements that constitute the research and how the participating reader's experiences within the book club gradually become theme for the participating researcher.

Keywords: *Read Women*; female authorship; participatory action research.

¹ Mestranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus Cascavel, Bolsista Capes. E-mail: carolsergel@hotmail.com.

² O termo "encounter" foi utilizado para contemplar a minha experiência de descoberta com o clube de leitura, visto que a definição da palavra é: "an unexpected or casual meeting with something" (um encontro inesperado ou casual com algo).

“Talvez toda pessoa que trabalha com a leitura deveria pensar em seu próprio percurso como leitor.”

Michèle Petit

INTRODUÇÃO

No ano de 2014, a escritora, editora e artista britânica Joanna Walsh criou o projeto #readwomen2014 (#leiamulheres2014), em formato de *hashtag*, no seu perfil (@badaude) da rede social *Twitter*. Naquele formato, o projeto se constituía, inicialmente, como uma proposta para que mais obras escritas por mulheres fossem lidas no ano de 2014. Em artigo escrito para o jornal *The Guardian* no mesmo ano, Joanna Walsh iniciava o debate sobre a repercussão de sua *hashtag* com um título provocador em forma da seguinte pergunta: “Será que o #leiamulheres2014 mudará os nossos hábitos de leitura sexista?” (WALSH, 2014, on-line). A autora comenta em um trecho do artigo sobre como estava experienciando os efeitos de sua proposta:

Tem sido emocionante ver algumas das maneiras como a *hashtag* tem sido usada: como incentivo pessoal; um grito de guerra; uma celebração de conquistas recentes (prêmios de 2013 para Alice Munro, Lydia Davis, Eleanor Catton e mais) e de autoras que deveriam ser mais conhecidas. Tem sido usada para discutir escrita feminina e para conectar projetos de “leitura de mulheres” em todo o mundo³ (WALSH, 2014, on-line, tradução minha).

O que começou como uma proposta para que mais obras de autoria feminina fossem lidas ganhou outras amplitudes, ao servir como chave de conexão e disseminação de informações sobre a temática da leitura de obras escritas por mulheres. O projeto expôs o quanto o tema é candente e atual, a ponto de despertar o interesse de muitas outras pessoas e de levantar problemáticas e movimentos para além da proposta inicial, como destaca Walsh no trecho supracitado.

Um exemplo das reverberações provocadas pela *hashtag* aconteceu no Brasil em 2015, ano em que Juliana Gomes, Juliana Leuenroth e Michelle Henriques, três mulheres do estado de São Paulo, transformaram a ideia da escritora britânica em um clube de leitura presencial em livrarias e espaços culturais. Desde a implantação do projeto no Brasil, o *Leia Mulheres* adquiriu amplitude nacional e internacional, com grupos ativos em municípios dos 26 estados,

³ “It has been exciting to see some of the ways the hashtag has been used: as a personal incentive; a rallying cry; a celebration of recent achievements (2013 prizes for Alice Munro, Lydia Davis, Eleanor Catton and more) and of authors who should be better known. It has been used to discuss women’s writing, and to link up “read women” projects around the world.” (WALSH, 2014, on-line).

no Distrito Federal e em países como Alemanha, Portugal e Suíça. Todos os clubes implementados possuem vínculo com o clube inicial. As criadoras da proposta se tornaram as coordenadoras nacionais do projeto e responsáveis por explicar o passo a passo e as orientações gerais para a implementação de novos clubes⁴.

No quadro atual de sua história, cada clube de leitura *Leia Mulheres* possui mediadoras que selecionam as obras a serem lidas, criam os materiais de divulgação do clube, organizam os encontros e fazem a mediação dos debates. Esses materiais compartilhados nas páginas dos clubes e nos perfis em redes sociais, além de funcionarem como meio informativo e de convite à participação no projeto, atuam no incentivo à leitura das obras e apresentam conteúdos e dados sobre as autoras e seus livros. As mediadoras dos clubes são, geralmente, as mulheres que entraram em contato com as coordenadoras nacionais com interesse de implementar o clube em suas cidades. Essa é uma característica notável do projeto, pois evidencia o *Leia Mulheres* enquanto movimento de atuação de mulheres no papel de mediadoras da leitura de obras de autoria feminina, o que proporciona um espaço/lugar de fala e de escuta de mulheres. A participação é aberta a quaisquer pessoas que tenham o interesse em comparecer aos encontros do clube.

O *Leia Mulheres* se tornou um espaço de incentivo à leitura de obras escritas por mulheres, de debate sobre esses livros, sobre as temáticas por eles abordadas e sobre as próprias autoras, suas histórias e escritas. Ao possibilitar trocas de experiências de leitura, de interpretações sobre os enredos, sobre as personagens e os contextos narrativos, o projeto tem criado ambientes de considerável importância para a formação leitora e para a valorização e o fortalecimento da literatura e da leitura de obras de autoria feminina. O clube, ao despertar o interesse e promover o contato com obras teóricas e literárias escritas por mulheres de origens e culturas diversas, permite a ampliação da perspectiva e da compreensão da pluralidade das sujeitas mulheres, bem como as questões de gênero que permeiam a literatura, os discursos e a vida social de mulheres e homens.

O presente artigo se constitui como um recorte da minha pesquisa de mestrado, cujo foco central recai sobre o clube *Leia Mulheres* da cidade de Cascavel, no Paraná, por ser o coletivo do qual sou participante desde o seu início, em abril de 2019. Um clube de leitura e coletivo que possibilitou que eu me sentisse integrante de uma comunidade, um ambiente de

⁴ Essas informações podem ser encontradas no site oficial do *Leia Mulheres*, disponível em: <https://leiamulheres.com.br/sobre-nos/>. Acesso em: 27 ago. 2022.

acolhimento e de troca de vivências em que pude e posso compartilhar meu encantamento pela literatura com outras pessoas, além de aprender, debater, questionar conceitos e teorias em um espaço que se distingue por ser à parte do universo acadêmico, mas que tem mostrado cada vez mais a sua potencialidade em expandir e promover debates e análises que somam aos conhecimentos adquiridos naquele espaço.

Para compreender e fundamentar a pesquisa, tanto na análise dos dados coletados, fazendo uso de questionário semiaberto aplicado as pessoas participantes/integrantes do *Leia Mulheres Cascavel* mediante compartilhamento de seu *link* no grupo de *WhatsApp* do coletivo e por entrevista semiestruturada realizada com as mediadoras, quanto de embasamento teórico e sócio-histórico da temática pesquisada, fez-se necessária revisão da literatura no tocante à leitura, seus efeitos e recepções com suporte nos estudos de Michèle Petit (2010; 2013), Vera Queiroz (1997) e Marisa Lajolo; Regina Zilberman (2019). Com relação a presença da mulher no campo literário e a crítica feminista, Virgínia Maria Vasconcelos Leal (2008), Virginia Woolf (2014), Lúcia Osana Zolin (2009), Regina Dalcastagnè (2012) são algumas das pesquisadoras que serviram de aporte teórico tanto para análise e discussão sobre autoria feminina, as reverberações do *Leia Mulheres Cascavel*, quanto para a leitura de livros escritos por mulheres. À guisa de proporcionar maior re(conhecimento) das pesquisas realizadas por mulheres e de enriquecer a presente pesquisa de mestrado, realizei o levantamento do estado da arte de pesquisas de pós-graduação *stricto sensu* voltadas a temática e análise do projeto *Leia Mulheres*, que, por ser um projeto recente (sete anos desde sua implementação no Brasil) tem recebido maior evidência em produções acadêmicas nos últimos quatro anos, tendo como resultado quatro dissertações de mestrado, sendo elas realizadas por Pacheco (2019), Pires (2019), Salomão (2020) e Soares (2019).

O questionário, que teve o *link* disponibilizado para respostas no período de 11 de setembro de 2021 a 13 de outubro de 2021, contou com a colaboração de vinte e uma pessoas participantes do *Leia Mulheres Cascavel*. A entrevista foi realizada com as duas mediadoras na data de 05 de março de 2022. A pesquisa se encontra em fase de análise dos dados, tendo já sido aprovada na banca de qualificação de mestrado.

No entanto, a jornada trilhada para a elaboração e desenvolvimento da pesquisa começa muito antes de ela sequer existir como tal. E, a seguir, apresento um breve relato sobre a caminhada percorrida até a elaboração e desenvolvimento da minha dissertação de mestrado.

DE LEITORA PARTICIPANTE À PESQUISADORA PARTICIPANTE: A JORNADA TRILHADA

Antes mesmo de me tornar participante do *Leia Mulheres Cascavel*, tive conhecimento sobre a existência do projeto em outras cidades por meio de canais de *booktubers*⁵ que participavam, faziam a mediação dos clubes de suas cidades ou que se referiam ao projeto *Leia Mulheres* como um espaço de partilha das impressões de leitura e de debate sobre as autoras e suas obras.

Os vídeos sobre livros foram um achado festivo, pois eu sentia, muitas vezes, a necessidade de partilhar com outras pessoas as impressões e os sentimentos sobre algum livro que havia lido. No entanto, não havia um espaço que possibilitasse essa partilha; pelo menos, nenhum que fosse de meu conhecimento e que a realizasse de maneira gratuita e não acadêmica. Ocorriam apenas alguns momentos de conversas com amigas e amigos durante algum encontro ou enquanto esperávamos o ônibus para casa após as aulas da graduação. Nessas situações, o assunto era abordado e partilhávamos algumas leituras que havíamos feito, dando e recebendo indicações de outros livros; mas sempre de uma maneira mais superficial, em conversas nas quais os assuntos são tantos e que mudam rapidamente para dar vez a outros.

As (os) *booktubers*, ao relatarem nos vídeos suas impressões de leituras, suprimam parcialmente a demanda que eu sentia, pois buscavam apresentar e aprofundar as informações sobre o livro lido, como autoria, trabalho editorial e características físicas das obras (diagramação, capa, elementos pré e pós-textuais), além de curiosidades e *links* com outras leituras, valores dos livros, sites e livrarias *on-line* nas quais havia livros em promoção. Ademais, as sugestões de leitura me auxiliaram a expandir minhas áreas de interesse na literatura, apresentando obras e autorias das mais diversas, com temáticas novas para mim – e outras nem tanto –, abordadas de maneiras distintas que possibilitaram a ampliação dos horizontes e das perspectivas em relação aos temas e à literatura como um todo.

A leitura – e, em destaque, a leitura de literatura – possui um espaço e um papel de grande importância em minha formação. Por isso, passo a apresentar um pequeno memorial

⁵ Segundo Arantes (2017, p. 70), “*BookTubing* é o nome dado ao sistema de relatos sobre livros que fica ‘hospedado’ na plataforma de vídeos *YouTube*”. *Booktubers* é como são chamados os criadores de vídeos sobre livros.

relativo a essa formação como estudante e pesquisadora; mas, antes de qualquer coisa, sobre a minha constituição como leitora e como pessoa.

Nele, compõem as imagens de um bosque. Um banco. Dois troncos e uma tábua pintada de azul. Minha mãe e eu. Gravetos. Cerquinhas. Animais. Imaginação compartilhada. Histórias inventadas. Faz de conta.

No bosque, o silêncio sussurrante de minúsculos seres, as folhas das árvores na dança constante sustentada pelos ventos. A singularidade dos cheiros e do ar, como se, numa confusão dos sentidos, cheiro tivesse cores: verde-musgo, ocre, marrom, verde-claro... e sabores: do gosto daquela terra gorda, pois nutrida de vida; das folhas em decomposição; do ar espesso e encorpado, enlaçado e transpirado pelas árvores. Nesse lugar, a magia, o onírico, o fantástico eram tão possíveis e verdadeiros quanto os troncos das árvores, o banco, minha mãe e eu.

As fogueiras de São João, quando a comunidade toda do Rancho Alegre⁶ se juntava no terreiro, no quintal da casa de dona Maria ou da dona Benita, comendo pipoca e tomando quentão. Todos conversando, sentados em bancos ao redor da fogueira. Nós, crianças, correndo e brincando no escuro. Quando as vizinhas e moradoras mais velhas começavam a nos contar as histórias que ouviam enquanto crianças lá em suas terras, para as bandas do norte do país. As histórias de Trancoso, as lendas de lobisomem, de mula-sem-cabeça, os casos de aparição e assombração que vizinhos diziam ter acontecido na “abaixadinha”⁷ – pela qual eu não passei sozinha por anos e onde minha mãe me esperava para me buscar quando eu voltava da escola. Voltar a pé para casa, a rota iluminada apenas com a luz da Lua e do farolete, a caminhada feita com meu pai e minha mãe, eu no meio deles, grudada no braço de minha mãe, com medo de cada barulho depois de ter a imaginação atiçada pelas histórias contadas.

Vários cadernos foram riscados com minhas garatujas durante a infância até que, finalmente, aqueles símbolos que tanto me encantavam e que eu tentava reproduzir começaram a possuir sentido, a significar e representar tantas coisas em minha vida e no (meu) mundo. Aos poucos, as palavras escritas foram sendo apropriadas e a literatura foi criando e ganhando espaço na minha existência.

⁶ Comunidade rural na qual eu residia.

⁷ Parte da estrada com uma descida, um pequeno barranco, roça de um lado e mato fechado do outro, que ligava as várias entradas para as casas das vizinhas e dos vizinhos do Rancho Alegre.

Gibis da Turma da Mônica e as revistas recreativas que meu pai comprava sempre que podia ao ir à cidade e com os quais eu passava horas entretida, lendo e completando as atividades.

Uma amiga e vizinha de sítio que lia em voz alta para mim enquanto esperávamos o horário das nossas aulas, sentadas num cantinho mais silencioso atrás da biblioteca do colégio.

Uma fitinha de Nossa Senhora Aparecida, duas voltas no pulso, três nós, três pedidos. Um dos pedidos: “ter vários livros, igual numa biblioteca”.

Uma amiga e o nosso professor de Sociologia, que era seu pai. Os empréstimos de livros e a gentileza de se disponibilizar a fazer compras nas livrarias *on-line* – já que eu não possuía acesso à Internet no sítio em que morei até os meus dezessete anos.

As tardes passadas no quarto lendo, quando as histórias me envolviam por completo que até esquecia de parar para comer e minha mãe vinha sorrateiramente, olhava pela janela do quarto e perguntava se eu não iria parar de ler um pouco e ficar com ela.

Uma professora, que foi uma grande amiga por um tempo. O incentivo à leitura, um livro de presente com dedicatória, a ajuda e as correções de redações para as provas de vestibular e do *Exame Nacional do Ensino Médio* - ENEM.

Ser aprovada numa Universidade Tecnológica Federal. A mudança para a cidade. A insuficiência de fundamentação teórica básica para as disciplinas de Ciências Exatas. O sentimento de frustração, de incapacidade, de farsa. A constante insinuação de que aquele espaço não me pertencia, de que eu não merecia estar ali. A desistência. A dor. A decepção. O desespero. A depressão. A mãe e os livros: únicas fontes de consolo que me fizeram resistir à dor e à angústia de não me sentir boa e inteligente o suficiente.

Ser aprovada numa Universidade Estadual. A Pedagogia. A esperança. O medo de não conseguir de novo.

A morte da mãe... o pior pesadelo e o maior medo materializados. O concreto que se efetiva pela falta: “quem eu vou ser sem ela? /como eu posso ser sem ela?” (LOVELACE, 2017, p. 76-77).

Sobreviver. Estudar. Desmoronar. Por vezes seguidas. Tentar de novo. E de novo.

As aulas. Amizades. Conhecimentos e aprendizagens. Leituras. Professoras e professores. Inspirações. Acolhimento.

Uma mãe postiça, “Mamapotí”. Um pai presente e afetuoso. Terapia. Resignificações. Livros – muitos! A literatura... o *Leia Mulheres Cascavel*.

Entre tantos desafios, memórias afetivas, dores e angústias, a literatura sempre esteve presente, permeando minha existência – ora me confortando, ora me instigando, causando-me revolta, fazendo-me sorrir, fazendo-me chorar. A literatura, assim como a música e o cinema, sempre foram e continuam sendo uma constante em minha vida. A arte, com sua sutileza e generosidade em nos fazer transbordar, em viver mil vidas em uma, viajar por meio dos sentidos e das sensações que alenta.

A percepção de completude e identificação quando, durante a leitura, o clima narrado é o mesmo em que estou: o mesmo dia da semana, os mesmos sentimentos. Quando as palavras de uma personagem, de um(a) narrador(a), conseguem expressar aquilo que se está sentindo e pensando, mas que ainda não se sabe como dizê-lo; ou que ainda não foi interpretado e compreendido no plano da consciência. Nesses momentos, há o maravilhar-se, a sensação de que existem conexões na vida que estavam despercebidas até então, um misto de enaltecimento e pertencimento.

O aconchego de ser acalentada por um livro, um abraço-abrigo em momentos em que a realidade e as vivências não conseguem proporcionar esse lugar, pois o sofrimento, o medo e a insegurança se mostram tão agudos que não há como e nem para onde fugir. A literatura é este não-lugar, materializado nos livros, um amparo que possibilita a pausa necessária para o processo de cura, para a ressignificação, para a construção de si – como descreve Michèle Petit sobre o relato de adolescentes e adultos a respeito das leituras que se tornaram importantes em suas vidas:

Algumas vezes, uma página ou frase que leram e que falaram algo sobre eles. Essas frases, esses fragmentos de textos, funcionam como *insights*, como tomadas de consciência súbitas de uma verdade interior, como esclarecimentos sobre uma parte de si mesmos até então desconhecida. É o texto que “lê” o leitor, que sabe muito sobre ele, sobre regiões nele que ainda não haviam sido exploradas. O texto, de maneira silenciosa, vai liberar algo que o leitor tem dentro de si. E às vezes o leitor encontra ali a energia, a força para sair de um contexto em que estava preso, para se diferenciar, para se libertar dos estereótipos aos quais estava preso (PETIT, 2013, p. 46).

E, então, o objeto fez-se lugar, um espaço, um teto sob o qual se abrigar e se (re)construir, ressignificar experiências vividas. Pois,

Essa leitura é transgressiva: nela o leitor volta as costas aos seus, foge, ultrapassa a soleira da casa, do lugarejo, do bairro. É desterritorializante, de saída. [...] Este espaço criado pela leitura não é uma ilusão. É um espaço psíquico que pode ser o próprio lugar da elaboração ou da reconquista de uma posição de sujeito. Porque os leitores não são páginas em branco onde o texto é impresso. Os leitores são ativos, desenvolvem toda uma atividade psíquica, se apropriam do quem leem, interpretam

o texto, e deslizam entre as linhas seus desejos, suas fantasias, suas angústias (PETIT, 2013, p. 42; 43-44).

Nessa troca de significações proporcionada pela leitura da literatura abriguei-me inúmeras vezes, independentemente dos momentos e sentimentos vividos. Ela se tornou o meu lugar, substituiu de forma simbólica o bosque da infância, um bosque psíquico agora todo meu, diferente daquele que não me pertencia e nem à minha família – mas que segue registrado nas memórias e nos afetos que carrego.

Umberto Eco, em sua obra *Seis passeios pelos bosques da ficção* (1994, p. 12), explica que “‘bosque’ é uma metáfora para o texto narrativo, não só para o texto dos contos de fadas, mas para qualquer texto narrativo”. Usando uma metáfora criada por Jorge Luis Borges, o autor define que:

[...] um bosque é um jardim de caminhos que se bifurcam. Mesmo quando não existem num bosque trilhas bem definidas, todos podem traçar sua própria trilha, decidindo ir para a esquerda ou para a direita de determinada árvore e, a cada árvore que encontrar, optando por esta ou por aquela direção (ECO, 1994, p. 12).

Espaços vazios dentro das narrativas os quais o(a) leitor(a) preenche com suas escolhas, inferências e interpretações. Espaços que preenchamos com base na nossa perspectiva, no lugar que ocupamos como seres sociais e em como fomos inteirados nesse meio. Nossas paixões, nossas angústias. Escolhas que nos tornam coautores(as) da narrativa dentro dos limites e das possibilidades que ela proporciona.

Vários bosques atravessaram meu caminho: o de minha infância, aquele que construí psiquicamente durante minhas leituras de literatura e o de Umberto Eco.

Há também o “bosque de névoa” que, quando adentrado, perdem-se os caminhos. As trilhas se dissipam com a neblina, a visão se torna turva. Lá é sempre sombrio e chuvoso. Não há movimento, apenas os troncos das árvores com suas copas tão altas e tão juntas que se torna impossível enxergar algum vestígio do céu que deveria estar ali. Escolher um caminho a seguir, sem saber para onde vai levar, petrifica. Qualquer escolha se torna vida ou morte, cada passo se torna extenuante e opressor. Manter-me encolhida o máximo possível parece ser a decisão mais segura. Mas o tempo continua passando e algum movimento precisa ser feito. Não se pode ficar ali parada, porque o tempo não espera ninguém, a vida continua acontecendo e é preciso reagir, ser forte, encontrar a saída. E começo a andar para qualquer lado, um lado que parece o melhor naquele momento; mas, passado um tempo, percebo que estou andando em círculos, que estou de volta ao ponto de partida. O desespero toma conta e não há ninguém ali comigo: – Você está sozinha! Eu estou sozinha!

A meio caminhar de nossa vida / fui me encontrar em uma selva escura: / estava reta a minha via perdida. / Ah! que a tarefa de narrar é dura / essa selva selvagem, rude e forte, / que volve o medo à mente que a figura. / De tão amarga, pouco mais lhe é a morte⁸ (ALIGHIERI, 1998, p. 25).

Esse bosque é, também, um bosque psíquico. No entanto, bem diferente daquele criado por meio da leitura: adentrar nele não é uma escolha. O que tentei simbolizar aqui, por meio da metáfora do “bosque de névoa”, é a convivência com o Transtorno de Ansiedade Generalizada e a Depressão Maior – convivência que precisa ser aprendida e mediada todos os dias.

Foi em meio a essa convivência que se iniciou minha participação no *Leia Mulheres Cascavel*, do qual não participei do primeiro encontro por não ter lido a leitura proposta – ou melhor, por ter medo de ser rechaçada por não tê-la lido, claro traço da autocobrança existente. No segundo encontro, tímida e temerosamente, levantei a mão para comentar sobre algo da obra e da leitura que tinha me chamado a atenção; as pessoas, ali, tão entusiasmadas com o debate, nem perceberam meu movimento, a insegurança de também não me sentir pertencente daquele grupo e lugar. Até que uma professora e querida amiga interveio em meu auxílio e queixou-se por não darem atenção ao fato de eu ter levantado a mão para falar – momento em que fui acolhida tanto por ela quanto pelas demais pessoas participantes que não haviam se dado conta do meu gesto e pela grande quantidade de pessoas que queriam também contribuir para o debate.

Aos poucos, com o tempo e a convivência, fui percebendo que aquele espaço não era um espaço para ser temido, pois estava, e continua sendo, construído por todas e todos que ali estavam e que buscavam e buscam fazer dele um espaço distinto, acolhedor, em que se possa falar, questionar e problematizar sem receios e medo de reprovação. As interpretações e relatos de leitura, as experiências subjetivas sendo acolhidas e respeitadas, as divergências de opinião e de percepção sobre as obras sendo compartilhadas e debatidas com empatia e respeito de forma não violenta, relações de amizades sendo construídas de forma saudável e enriquecedora. Essas características tornaram e tornam o *Leia Mulheres Cascavel* um espaço fundamental e importante para mim – e suponho que para outras pessoas participantes também.

⁸ Nel mezzo del cammin di nostra vita / mi rivotrai per una selva oscura, / ché la diritta via era smarrita. / Ahi quanto a dir qual era è cosa dura / esta selva selvaggia e aspra e forte / che nel pensier rinova la paura! / Tant'è amara che poco è piú morte. (ALIGHIERI, 1998, p. 25).

No ano de 2020, em meio à pandemia da COVID-19, depois de muito conversar com alguns amigos que estavam cursando a pós-graduação e de saber da publicação do edital de seleção, comecei a cogitar a possibilidade de tentar o ingresso no Programa de Pós-Graduação em Letras. A única convicção que tinha, naquele momento, era a de que queria estudar e pesquisar literatura. Quanto à delimitação de tema e ao objeto de pesquisa, não havia nada definido. Várias possibilidades foram pensadas e logo depois descartadas, pois ora eram temáticas muito abrangentes, ora belos devaneios.

Num sábado qualquer, enquanto fazia a faxina na casa em que morava, o tema “pós-graduação” voltou à mente. Naquele momento rotineiro dos afazeres domésticos de uma pessoa que morava sozinha, o objeto de pesquisa se fez percebido pela consciência: pesquisar o clube de leitura do qual era – sou – participante. De imediato, entrei em contato com uma amiga e um amigo, ambos pós-graduandos, que moravam próximos a mim, perguntando se poderíamos nos encontrar para conversarmos sobre minha ideia, saber a opinião deles, se consideravam que poderia ser um tema para a pesquisa, as etapas que precisava cumprir para concorrer uma vaga... foram esses amigos que me ajudaram muito durante todo o processo de seleção, auxiliando-me com as questões burocráticas, incentivando e me motivando a tentar, lendo meu pré-projeto de pesquisa; enfim, esses amigos me apoiaram e não me deixaram afundar nos sentimentos de incapacidade e medo – fator que fez toda a diferença e que, com toda a certeza, colaborou na aprovação do mestrado. Aprovação que deu início a uma nova jornada de estudos e aprendizados que se materializam na pesquisa em desenvolvimento.

A pesquisa de campo de cunho participante foi a técnica e o método de pesquisa escolhida por ser considerada a mais adequada neste contexto, pois, segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 194), a pesquisa participante “[...] consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste”. Nesse caso, antes mesmo de me identificar como pesquisadora sobre o *Leia Mulheres Cascavel*, identifico-me como participante e integrante desse clube de leitura. E, a partir desse lugar, avanço para a pesquisa, adentrando no espaço acadêmico para aprofundar os conhecimentos teóricos, bem como para apresentar e levar ao conhecimento do universo acadêmico um espaço não acadêmico, que também proporciona o debate e a formação leitora e crítica – atribuindo à pesquisa um caráter de “meio de diálogos” necessário entre

universidade e sociedade, num intercâmbio de conhecimentos e debates que se tornam possíveis por meio do duplo papel de pesquisadora participante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa tem como objetivo geral localizar a situação histórica, social, racial e geográfica das pessoas participantes do *Leia Mulheres Cascavel*, assim como das autoras lidas. E como os objetivos específicos: a) Elaborar levantamento das autoras e obras lidas pelo clube de leitura *Leia Mulheres Cascavel*; b) Apontar as reverberações do *Leia Mulheres Cascavel* por meio de análise dos dados coletados e das informações sobre as ações do coletivo disponíveis no perfil @leiamulherescascavel do *Instagram*. Tal pesquisa se constitui a partir da vivência e história pessoal da pesquisadora, pois não há como se anular o sujeito por trás da escrita. Porém, para muito além disso, este trabalho se compõe de uma vivência coletiva e compartilhada, de troca de experiências e significações, de ampliação dos horizontes e das percepções que a leitura e a partilha das interpretações da leitura possibilitam. Trocas que proporcionam ressignificações, reelaborações e reconstruções de si e do olhar para o outro.

REFERÊNCIAS

- ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia: inferno*. Tradução e notas: Italo Eugenio Mauro. São Paulo: Editora 34, 1998.
- ARANTES, Juliana Leite. *Leitores eloquentes: os booktubers e as novas práticas de leitura amadora na internet*. 190 f. Dissertação de Mestrado em Letras. UERJ, Rio de Janeiro: 2017. Disponível em: <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/6909>. Acesso em: 20 mar. 2022.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Horizonte/ Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2012.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Tradução: Hildegard Feist. 1. ed. 15 reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. ed. rev. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. *As escritoras contemporâneas e o campo literário brasileiro: uma relação de gênero*. 2008. 243 f. Tese de Doutorado em Literatura. UnB, Brasília: 2008. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/3569>. Acesso em: 02 jun. 2021.
- LEIA MULHERES. *Sobre nós*. Disponível em: <https://leiamulheres.com.br/sobre-nos/>. Acesso em: 22 set. 2020.
- Ideação. *Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde*. v. 25, n°1, 2023. e-ISSN: 1982-3010.

LOVELACE, Amanda. *A princesa salva a si mesma neste livro*. Tradução: Izabel Aleixo. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

PACHECO, Gabriela Barbosa. *Mediações no clube de leitura leia mulheres: reconhecimento e sociabilidade a partir da literatura escrita por mulheres*. 2019. 151 f. Dissertação de Mestrado em Comunicação Social. PUC-MG, Belo Horizonte: 2019. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/ComunicacaoSocial_GabrielaBarbosaPacheco_7929.pdf. Acesso em: 12 abr. 2022.

PETIT, Michèle. *A arte de ler: ou como resistir à adversidade*. Tradução: Arthur Bueno e Camila Boldrini. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

PETIT, Michèle. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. Tradução: Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.

PIRES, Michelle Claudino. *'Literatura feminina' do Wattpad e o projeto 'leia mulheres': repertórios em discussão no sistema literário brasileiro*. 2019. 129 f. Dissertação de Mestrado em Letras. Centro Universitário Ritter dos Reis, Porto Alegre: 2019.

QUEIROZ, Vera. *Crítica literária e estratégias de gênero*. Niterói: EDUFF, 1997.

SALOMÃO, Amanda. *Leitura, apropriação de saberes e transformação pessoal: relações subjetivas e intersubjetivas a partir das perspectivas de mulheres pertencentes a clubes de leitura*. 2020. 323 f. Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação. UFRJ, Rio de Janeiro: 2020. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/1098>. Acesso em: 20 abr. 2022.

SOARES, Raysa Ferreira. *#leiamulheres: campo literário e ciberespaço*. 2019. 97 f. Dissertação de Mestrado em Literatura. UnB, Brasília: 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/37486>. Acesso em: 01 mar. 2022.

WALSH, Joanna. Will #readwomen2014 change our sexist reading habits? *The Guardian*. Londres, 20 jan. 2014. Lifestyle. Disponível em: <https://www.theguardian.com/lifeandstyle/womens-blog/2014/jan/20/read-women-2014-change-sexist-reading-habits>. Acesso em: 03 mar. 2022.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução: Bia N. de Sousa; Glauco Mattoso. 1. ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 4. ed. Maringá: Eduem, 2019. p. 319-330.

Recebido em 23 de setembro de 2022.

Aprovado em 12 de dezembro de 2022.

